

EXTRA

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, domingo, 27 de agosto de 1990

ARTE PALET



A guerra das cidades

O que motiva os grandes centros a se digladiarem

Item 55

O folclore que fermenta a disputa

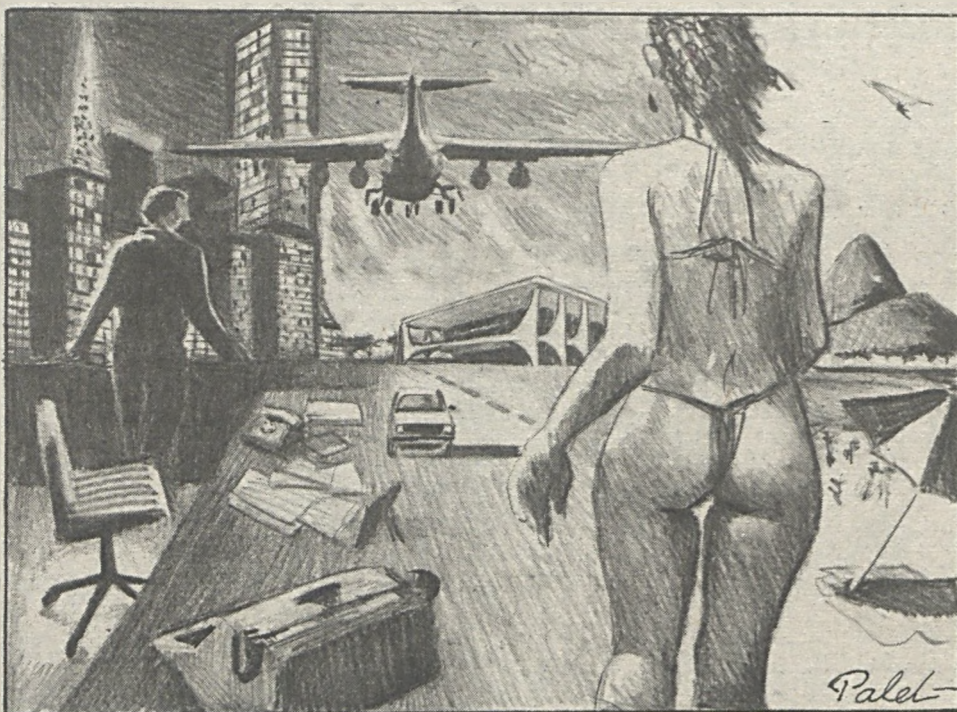
Estereótipos fantásticos temperam uma guerra que atravessa o século e se perpetua em divergências

Máximo Manzolillo

Burocratas recheados de propina abandonam Brasília às sextas-feiras em busca de algo menos monótono que grilos no cerrado e ruas sem esquina. Um escritório, uma escrivãzinha e uma densa camada de gás carbônico do outro lado da janela é o que há de emoção no atribulado dia-dia do paulistano. Um pivete a cada cruzamento, a malandragem descendo os morros numa invasão das praias e um anticlímax, algo como uma granada sem pino dentro do bolso, resumem o cotidiano do antes folgazão carioca.

Entremeados de estereótipos, frases nonsense e distorção dos valores de cada indivíduo, a disputa entre Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro produziu (e se renova todo ano) um riquíssimo folclore, fruto das divergências de quem vive sob a influência do poder e das maquinações políticas; de quem ergueu o pilar econômico do País; e de quem usufrui das benesses e do charme da cultura e do turismo. Como um desamor à primeira vista, as linhas cartesianas da capital, o cosmopolitismo da maior cidade brasileira e o emaranhado de morros sob as benções do Redentor, motivam uma guerra que divide o País, há 30 anos, em três pólos distintos.

Porta de entrada do País e ainda com ares de corte portuguesa, o Rio de Janeiro foi a primeira das "capitais" a ter arranhada sua vaidade, ao perder a condição, após a Primeira Grande Guerra, de centro econômico da Nação. Fervilhante com uma migração que não cessava, São Paulo iniciou um avassalador ritmo de pro-



dução, estimulado 40 anos depois com a instalação da indústria automobilística, tornando os cariocas meros coadjuvantes do PIB. O eixo se define de uma vez quando Brasília surge da poeira e desloca as decisões políticas do Palácio do Catete para a Praça dos Três Poderes, deixando ao Rio a característica de centro cultural e turístico que sempre manteve.

Rivalidade Cega — Nesse quadro, onde os aspectos econômico, político e cultural instituíram três capitâncias, é fácil detectar onde desponta a necessidade de uma cidade corroer a imagem das outras. De uma máxima que revela o paulista como produtor da riqueza, o carioca como sorvedor de parte dela e o brasiliense da Esplanada como surrupiador de outro naco, nasce a rivalidade cega. Uma postura tão enraizada que impede a aceitação dos costumes e valores que não sejam os seus e que abre espaço à chacota e ao menos-prezo. Do Rio em relação a Brasília, pode-se dizer que muito da disputa deve-se à decisão do ex-presidente Juscelino Ku-

bitschek de transferir a capital da República para o "cerrado".

A antiga Guanabara, berço do carioca da gema que execra a atual condição de fluminense, vê escorrer pelo ralo, com a mudança definida, os privilégios que gozava como sede do poder. A derrocada dos serviços públicos vai tornando a cidade, aos poucos, impraticável, até se chegar à calamidade dos anos 80 — e ainda assim o espaço entre o Pão de Açúcar, Guaratiba e Avenida Brasil parece mais atrativo que o "mato e os mosquitos do Planalto Central". A imposição do Governo de levar para a nova capital os órgãos da administração pública tornam Brasília o inimigo número um do Rio de Janeiro, fazendo surgir as primeiras galhofas em torno dos "candangos".

Quartel-general da burocracia, a capital

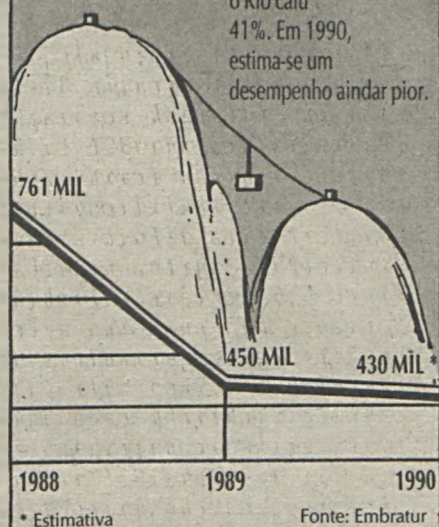
passou a receber estílo também dos paulistas, para quem o sonho de JK, antes de uma empreitada corajosa, representa o canal mais eficiente para obstruir a produção com a chancela dos bandeirantes. Se o trauma carioca quanto a Brasília está intimamente ligado à sua mudança física, no caso dos paulistanos ele surge pelo medo do poder político "interferir" ainda mais no seu caminho. Intitulando-se segunda metrópole mundial, em termos cosmopolitas atrás somente de Nova Iorque, São Paulo sofre com a síndrome hierárquica, que a obriga, mesmo com tal currículo, submeter-se às necessidades, conveniências e caprichos da tecnocracia.

Modelo Neurótico — Do outro lado desse caleidoscópio de intrigas, o brasiliense encara o *modus vivendi* de paulistanos e cariocas como a falência de um modelo neurótico, ora resvalando na completa impossibilidade de se levar uma vida "normal" ao lado de outros dez milhões de habitantes, ora condenando uma prática urbana distante do prisma dos anos 90, que valoriza como em nenhum outro momento da história aspectos ambientalistas. Se aos rivais os espaços inabitados de Brasília parecerão cruéis em demasia, ao morador integrado à paisagem esse será um grande trunfo da cidade. Esse novo conceito de viver, associado a serviços públicos que superam os dos demais municípios brasileiros, tornam o vizinho do poder um ET em qualquer outro lugar.

Mais antigo que o triângulo do ranço, a guerra secular entre São Paulo e Rio de Janeiro tem origem no costume boêmio e malandro do carioca, hoje abafado por uma característica mais violenta que romântica, e na capacidade de trabalho do paulistano. O tiro de misericórdia no que poderia ser uma relação aceitável foi dado na década de 50, quando Juscelino Kubitschek leva o automóvel para a garoa e deixa a indústria naval, logicamente, à beira do mar. A pujança de uma — a automobilística — e a crise da outra infectaram ainda mais essa ferida.

O turista em fuga

No ano passado, o fluxo de turistas estrangeiros para o Rio caiu 41%. Em 1990, estima-se um desempenho ainda pior.



em 1992, o maior evento patrocinado pela Organização das Nações Unidas (ONU): o Congresso Mundial de Meio Ambiente, que acontece a cada 20 anos, e que terá, nessa edição, um aspecto de "acontecimento da década".

A decisão da ONU está sendo encarada como uma "vingança" do Rio em relação aos rivais, por conta de "discriminações de sucessivos governos" que inviabilizaram a cidade economicamente. Exemplo maior desse ranço, o Pólo Petroquímico do Rio de Janeiro, principal projeto de desenvolvimento para a década de 90, não apresenta a mínima perspectiva de decolagem — e os cariocas repassam esse débito aos gabinetes de Brasília, que teriam favorecido investimentos similares em São Paulo.

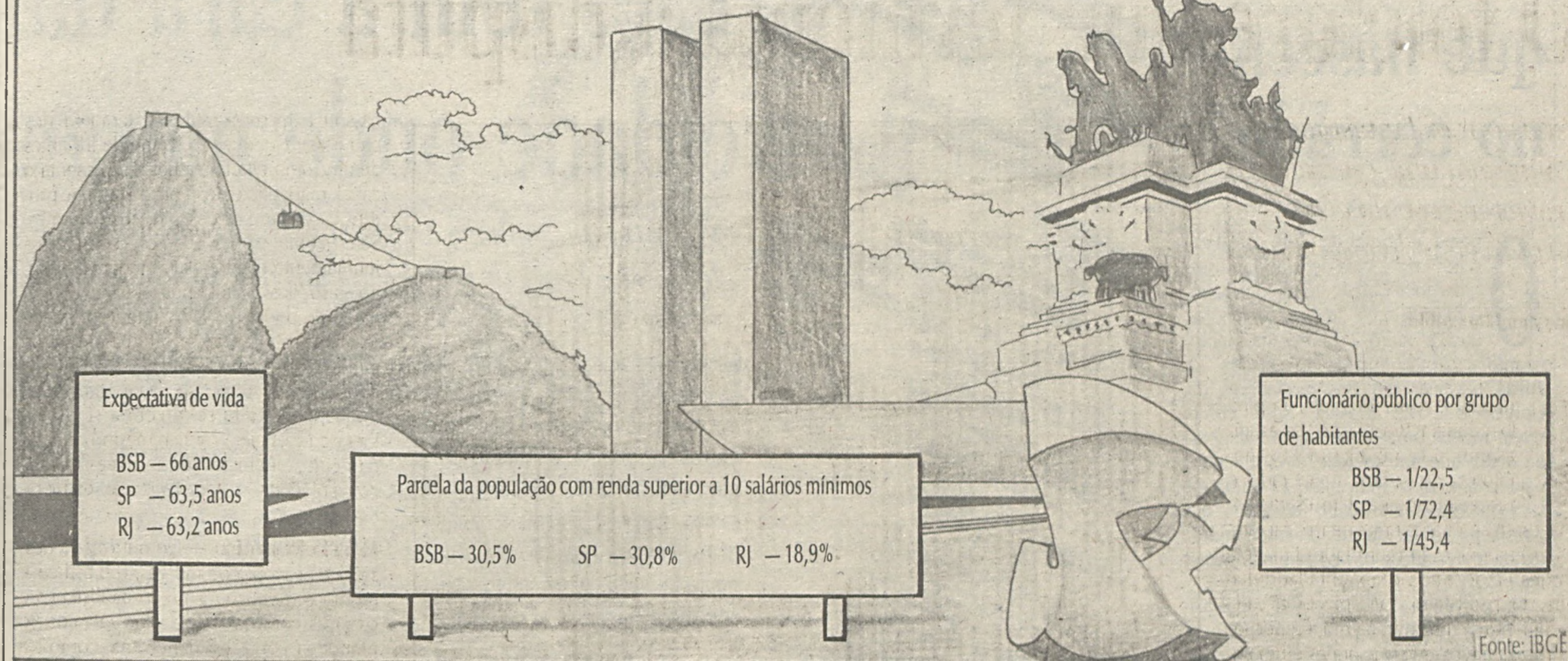
A mancha no cartão postal

Palco das inquietações contemporâneas do País, principalmente aquelas que a mídia faz prevalecer como graves, o Rio de Janeiro tornou-se o local mais visado nessa rixa, trazendo no vácuo do antagonismo de paulistas e brasilienses o receio da comunidade internacional. Corcovado, Pão de Açúcar e Copacabana integram um roteiro classificado como de risco por organismos de relações exteriores dos Estados Unidos, dando contornos mais catastróficos

às estatísticas, que apontam uma retração no turismo internacional destinado ao Rio de cerca de 41 por cento, em 1989 se comparado ao ano anterior. Para o (equivocado) deleite dos opositores.

Cartão postal manchado por índices alarmantes de violência, narcotráfico e falência da prefeitura, o Rio de Janeiro parece ressurgir com fôlego quando o assunto é cultura e turismo. A antiga Guanabara, mesmo em crise, ainda apresenta mais atrativos nessas áreas que São Paulo e Brasília, e mantém equilibrada uma batalha que parecia ser desproporcional. A realidade econômica dos paulistanos e a influência política de brasilienses não foram capazes de retirar dos cariocas a primazia de sediar,

A qualidade se define na estatística



Imagens diferentes do mesmo caos

No país da miséria social, Ceilândia vira sinônimo de qualidade de vida e modelo a favelas maiores

A cidade-satélite de Ceilândia tem uma história ao avesso da Brasília vendida aos turistas. Desagradou de favelas erradicadas no início da década de 70, abrigou, durante duas décadas, o foco da pobreza e da violência. Sempre foi o símbolo da miséria provocada pela migração desenfreada e políticas econômicas catastróficas. A satélite, que nasceu sob o signo da insuficiência e que desafiou as linhas projetadas da capital, tem 79 escolas públicas, abastecimento de água e energia elétrica, exceto em áreas de expansão recente, um hospital regional, postos de saúde e rede de telefonia.

Para os padrões brasilienses, a cidade é algo próximo do inferno social, um dormitório da penúria que aos poucos vai se solidificando — uma experiência de assentamento que o Governo repete nos anos 90. Essa Ceilândia de realidade crua seria um bairro de infra-estrutura aceitável se estivesse pendurada em algum morro carioca ou perdida na imensidão da Zona Leste paulistana. Desde a base da pirâmide social, o caos urbano parece ser mais contundente em São Paulo e no Rio de Janeiro, ficando Brasília mais próxima de padrões definidos pela ONU como o mínimo para se sobreviver com dignidade.

Rocinha e Itaquera — É difícil convencer um "candango" que o morro do Borel,

favela da Rocinha e Itaquera sonham um dia ser a Ceilândia. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam que a renda per capita na capital paulista é a maior em termos nacionais, superando rivais diretas na briga entre as cidades. Toda a pujança de São Paulo revelada pelos números esbarra na constatação de que ali, como no Rio de Janeiro, a distribuição da massa financeira é mais perversa que em Brasília. "A existência de um funcionalismo forte, e a consequente extensão de todos os serviços públicos, tornam a capital da República mais equilibrada em termos de distribuição de renda", ressalta o gerente de

pesquisa do IBGE, Antônio Pereira.

A primazia de sediar o poder leva a "cidade de Niemeyer e Lúcio Costa" a oferecer à população uma infra-estrutura mais adequada às necessidades da população, quadro que antes de 1960 retratava a situação do Rio de Janeiro. A presença maciça da burocracia na cidade funciona como um agente de distribuição de renda, criando empregos de nível médio que superam o mercado de não-qualificados de outros grandes centros. Esses dados levam Brasília a ter mais de 30 por cento de seus habitantes com uma renda superior a dez salários mínimos, desempenho semelhante ao de São Paulo, mais superi-

or ao do Rio que tem 19 por cento de sua população nessa faixa.

Expectativa de Vida — A metodologia utilizada pela Organização das Nações Unidas (ONU) associa aos indicadores econômicos — na busca de um grau para a qualidade de vida nos diversos países — aspectos como expectativa de vida, taxa de analfabetismo e extensão de equipamentos públicos (incluindo de lazer). Nesse último tópico, Brasília ainda apresenta a maior média brasileira de metro quadrado de vegetação por habitante, suplantando metrópoles inchadas como São Paulo e Rio. Quanto aos índices de escolaridade, detecta-se um triplice empate, mas em desempenhos negativos que deixariam qualquer portenho ruborizado. Em outro dado básico para a avaliação, o censo do IBGE indicou que o brasiliense vive mais (66 anos) que cariocas (63,2 anos) e paulistas (63,5 anos).

Os técnicos do instituto salientam que essa estatística comprova uma melhor distribuição do bolo financeiro, o que permite ao cidadão pior estratificado, ainda assim, buscar uma melhor condição de sobrevivência — inclusive em termos sanitários e de saúde. Se na teoria o tamanho da máquina burocrática significa um melhor serviço à sociedade, Brasília também desponta com a melhor performance. Aqui, para cada grupo de 22,5 habitantes existe um funcionário público; em São Paulo, em termos de funcionários que atendem o município, a proporção é de um para cada 72,4 habitantes; e no Rio de Janeiro, que experimenta a derrocada de um serviço que já foi exemplar, a relação é de um servidor para cada grupo de 45,4 habitantes.

O preço para sair do poço

Há um preço a se pagar pela qualidade e, sem cerimônia, Brasília passa uma conta salgada à população. Pesquisa realizada pelo IBGE, em junho passado, apontou a capital da República como o principal contribuinte do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), cuja taxa nacional alcançou 11,61 por cento — a inflação "candanga" foi a maior entre as dez principais regiões metropolitanas do País, atingindo 13,65 por cento. O Rio de Janeiro, "lanterninha" dessa disputa onde ser último é um privilégio, escapou dos dois dígitos (9,59 por cento), ficando São Paulo um pouco aci-

ma da média nacional (11,80 por cento).

A busca desse padrão superior pressupõe um débito a mais no bolso de quem optou pelo planalto. Entre todos os dados levantados pelo órgão, o custo da habitação em Brasília desponta como o de maior peso no cômputo final, tendo variado 28,52 por cento nesse período. Aos cariocas, a moradia teve uma elevação de 9,6 por cento, enquanto os paulistas tiveram que comprometer 10,58 por cento a mais de sua renda para escapar da garoa. Com produção insuficiente de hortifrutíferos a capital também é mais cara no item alimentação, tendo apresentado uma variação em junho de 11,87 por cento, contra 8,4 por cento do Rio e 10,35 por cento de São Paulo. A carestia só se apresenta no mesmo patamar para as três cidades quanto ao vestuário: 20 por cento.

Cores e sons que nascem no cerrado

O poeta e jornalista Tetê Catalão, outro com a cara de Brasília, disse que Athos Bulcão "é meio urbano e meio rural", "meio contemplativo e meio cosmopolita" tanto quanto a capital fincada no cerrado. O artista plástico, um dos fundadores da Universidade de Brasília, sorri como quem recebe uma homenagem inesperada e diz que não merece. É o suficiente para confirmar a indicação. O autor da fachada lateral do Teatro Nacional faz poesia para falar da cidade onde mora, exorta a vivacidade das cores e não pensa em mudar.

Se porventura viesse a sair de Brasília, Athos Bulcão iria para São Paulo, ficar perto de parentes queridos e usufruir da seriedade com que o paulista trata as artes. Quando vai ao Rio ver os amigos, o autor da decoração interna do Panteão da Liberdade ouve inevitavelmente indagações sobre os motivos que o levam a permanecer em Brasília. São muitos, responde, e intrigado pergunta se algo nele mudou após trinta anos de Planalto Central. "Você está falando mais devagar", observam os velhos amigos. Athos Bulcão reflete e constata que há algo nele diferente daqueles a quem deixou no Rio, parte adquirida nessas três décadas.

Janelão e Panelinha — O professor Athos Bulcão, reintegrado à UnB após a resistência ao regime militar, sente saudade do cosmopolitismo e do mar, mas se intimida diante da violência da cidade onde nasceu. "A escalada de violência é enervante", diz. Quando vai a São Paulo, Athos Bulcão gosta de ver como o azulejo que fez no Memorial da América Latina é tratado com carinho e admiração. "Eu gosto de trabalhar para lá", declara.

O sol que dá mais cor às cores, a qualidade de vida ainda possível e a possibilidade de permanência dos contatos e dos acontecimentos em Brasília o fazem continuar aqui ainda que ele reconheça os obstáculos aos artistas plásticos discriminados por atuarem longe do eixo Rio-São Paulo. "Aqui tem muitos jovens talentosos", diz. O mestre Athos Bulcão alerta aqueles que encontraram a arte sobre os perigos do isolamento, "das panelinhas" tão próximas a quem mora em Brasília. "O artista precisa trocar experiência", aconselha.

Os janelões que arejam a sala ampla de seu apartamento na 714 Sul não o deixam esquecer da exatidão das cores, em cada uma de suas nuances. "Mas parece que tem gente que prefere morar naqueles prédios apertadinhos, com uma lanhonete no primeiro andar", diz, tendo na lembrança, certamente, as moradias pouco confortáveis das metrópoles do Sudeste.

Fundo Magnético — O telefone ainda é muito pouco para Renato Matos, o bai-

Eles têm a cara da cidade onde moram

O escritor do samba, o artista contemplativo, o cantor elétrico e a loura de paetê são mais que cartão-postal

■ Hebe Camargo, Sérgio Cabral, Athos Bulcão e Renato Matos são espécie de logotipo da cidade onde moram. Pesquisa recente da Saldiva & Associados Propaganda apontou a apresentadora de tevê Hebe Camargo como a cara de São Paulo. O jornalista Sérgio Cabral nem precisa de confirmação para ser identificado como a cara do Rio. Os títulos que publicou, a sua presença na fundação do semanário "Pasquim", sua paixão pelo samba, futebol e boemia são suficientes. O carioca Athos Bulcão e o baiano Renato Matos têm a cara de Brasília. O artista plástico Athos Bulcão veio com Oscar Niemeyer e nunca mais voltou; o cantor e compositor Renato Matos quis conhecer a nova capital e se enamorou.



ano-brasiliense ligado no Eixão — por insistência ou magnetismo, ele diz não saber. Há 19 anos, Renato Matos veio de Salvador expor sua arte, época em que ainda não havia investido mesmo na música. "Fui formado aqui", diz ele, um dos primeiros a cantar Brasília com sucesso. (...Um telefone é muito pouco pra quem ama como um louco e mora no Plano Piloto...) A solidão, você e seu apartamento, a dificuldade de comunicação é muito grande. Cada casa é a extensão do ministério. O cara sai do escritório achando que vai pra casa mas ele continua no ministério e não sabe, ele não tem vida própria."

Renato Matos parece cansado de insistir, reclama da falta de profissionalismo da produção. Da mídia que não dá destaque à qualidade. "A Transamérica da Bahia toca o meu disco mas a daqui diz que ele é elitizado. Não é, é eletrizado", reage. "As pessoas terminam ficando igual à arquitetura. Dobre aqui, entre ali, aqui afunda, ali não". Sair desse roteiro rigorosamente predeterminado só será possível quando o brasiliense for ao teatro, deixar o ministério e ir a um show. "O político nunca vai ao teatro a não ser para ver Balé Bolshoi porque dá status".

Nem só de Eixão pode viver a música de Renato Matos ou qualquer outra. Para sair desse para outro eixo, o do Rio-São Paulo, o compositor não quer apenas colocar a viola debaixo do braço e chegar lá e ser olhado como quem vê um alienígena e pergunta com soberba indiferença: "Você veio de Brasília?".

A exemplo de Athos Bulcão, Renato Matos acredita mais no respeito do paulista pela arte. "Carioca é mais rabo de meteoro. Faça mais fé em São Paulo. Lá eles entram no meteoro". Às voltas com a divulgação de seu primeiro disco, Renato está particularmente absorvido pelas dificuldades do lançamento. Mas não esquece de dar uma cutucada naqueles que designam Brasília como a capital do rock. "Isso é invenção de marketing. Não é porque o músico é da Bahia que tem de fazer candomblé".



Athos Bulcão
Carioca, 72 anos,
nasceu na rua do
Catete, no Rio. Veio
para Brasília
participar da fundação
junto com Niemeyer e
nunca mais voltou

Renato Matos
Baiano de Salvador,
está há 19 anos em
Brasília. Ainda acha
que um telefone é
pouco para romper a
solidão derramada dos
ministérios às moradias

Sérgio Cabral
De história do samba,
carnaval e futebol
ele entende.
Jornalista e escritor,
saiu do Rio uma vez e
comprovou que para ele
não há cidade igual

Hebe Camargo
Ela foi eleita a cara
de São Paulo, em
Pesquisa recente. Em
seu programa às terças,
no SBT, não economiza
sorriso — tudo é
"ma-ra-vi-lho-so"

Carioca fala grosso de São Paulo

O jornalista Sérgio Cabral reforça a cada nova atividade em que se empenha a sua vinculação visceral com o Rio. O lançamento em breve de um livro sobre o compositor e radialista Almirante prova isso. Para divulgar o novo trabalho, Sérgio Cabral virá a Brasília nas próximas semanas. Já publicou "As escolas de samba", "Pixinguinha, vida e obra", "Tom Jobim", entre outros, todos carimbando a sua marca de carioca inveterado. Cabral tem mandato de vereador, onde acumula projetos especialmente na área cultural. Sobre Brasília e São Paulo, evita maiores contundências.

Vem a capital do País com escassa frequência, pouco conhece de sua alma, embora a considere uma "cidade dura e sem tempero". Sérgio Cabral ressalva, porém, que suas estadas em Brasília "têm sido agradáveis, pela receptividade dos amigos", viagens feitas em função de compromissos com palestras e conferências. Morar em Brasília, de jeito nenhum.

Quanto a São Paulo, o jornalista Sérgio Cabral, que nasceu no subúrbio de Cascadura, zona norte carioca, e que hoje mora numa rua a dois quarteirões da praia de Copacabana, também evita maiores comentários. Durante dois anos ele morou em São Paulo, no início da década de 70, para trabalhar como um dos editores da extinta revista Realidade. "Um dia de folga estava na Cinelândia com Náss-

ra e Ciro Monteiro (dois compositores, o último já falecido), fiquei convencido que não poderia viver longe do Rio, pois só nesta cidade poderia encontrar duas pessoas assim", relata.

Pinguim na rua — Se na entrevista Sérgio Cabral escapa de críticas à vizinha São Paulo, em edição recente do Pasquim, num texto sob o título "Conversa na ponte aérea", ele cria um diálogo entre um paulista e um carioca para ser cômico com o primeiro. "Segundo a 'Folha' (Folha de S. Paulo), as famílias paulistas estão aprendendo a atirar, para se defender dos assaltantes e sequestradores. Deve ser horrível viver em São Paulo, hem", comenta o personagem carioca de Sérgio Cabral.

Mais adiante, o jornalista vai fundo. "E os justiceiros paulistas, hem. Eles chegam e vão atirando, não é assim? Já mataram não sei quantos, geralmente jovens pobres. Um horror", dispara o carioca no diálogo com o perplexo paulista.

"Em matéria de turismo, a crise de São Paulo é 0.4 mais grave do que a do Rio de Janeiro", afirma o personagem de Sérgio Cabral, desfiando número de uma recente pesquisa.

"Um estudioso paulista analisou a atividade cultural do Rio e de São Paulo, concluindo que o Rio dá um banho", vai adiante o carioca. "Dá pena mesmo. Por falar nisso, há quantos anos São Paulo não ganha campeonato brasileiro?", insiste.

De acordo com Sérgio Cabral, Ciro Monteiro inventou um dia uma nova letra para o samba "Saudades da Bahia", de Dorival Caymmi. A letra seria: "Ai, ai que saudades tenho do meu Rio/Ai, aqui em São Paulo eu vou morrer de frio/Ai a noite chegou, a gente entra em Pua/ de madrugada tem pinguim na rua/ Esse São Paulo é mesmo de amargar, de amargar". (L.C. Maranhão)

Hebe na terra dos adjetivos

O nome do show é apenas "Hebe", mas seria bem mais adequado alguma coisa tipo "O mundo encantado de Hebe Camargo", "Hebe no país das maravilhas", ou "Hebe na terra dos adjetivos", pois a atmosfera do programa de auditório apresentado ao vivo às 21h30 de terça-feira pelo SBT é a de um conto de fadas sem bruxa malvada. A princesa-apresentadora é loiríssima, coberta de paetês, mais sorridente que fotografia de festa de aniversário e cospe adjetivos em velocidade de metralhadora — para ela tudo é lindo, divino e maravilhoso.

Assistir a "Hebe" é uma experiência ímpar, pois não tem qualquer conexão com o mundo real: é um universo sem antagonistas, onde tudo é alegria. O auditório é "ma-ra-vi-lho-so", os patrocinadores são "di-vi-nos", os con-

vidados são "umas gra-ci-nhas" e a apresentadora não pára de cunhar pérolas, como "é uma gracinha essa galinha" ou "tudo que tem coraçõzinho me fascina", sempre com um sorriso de orelha a orelha e o dedo mindinho levantado ao segurar o microfone.

Às vezes até se fala de assuntos desagradáveis. Por exemplo, num de seus recentes programas, um especial homenageando Fábio Jr., falou-se mal dos poderosos do showbiz que prejudicam a carreira de alguns bravos artistas. Hebe chegou mesmo a mudar de expressão, franziu levemente a testa e fez cara de zangada ao ouvir sobre esses meninos maus. Mas falou-se do problema como de algo distante, incapaz de atingir a "lin-de-za" e o "su-ces-so" de quem estava no palco, como se o brilho do seu vestido de paetês protegesse todos contra a realidade.

A ilha da fantasia de Hebe Camargo é tão perfeita que até as críticas se reverterem a seu favor. Para encerrar a homenagem a Fábio Jr. foi chamado o "Mulheres Negras", um duo paulista conhecido pelo humor absurdo e pela língua ferina. Ele tocou em primeira mão "Música serve para isto", uma ironia pouco sutil ao brega, mola mestra do programa, e não se ouvia uma só gargalhada da platéia. Ela apenas aplaudia, como fizera com Fábio Jr. E Hebe com seu sorriso de orelha a orelha. (João Ximenes)

Com o objetivo de homenagear, então, a coisa fica ainda mais gritante. Lucélia Santos, Zico, Raul Gil e Mari-

As escalas de quem no fundo se ama

Nas asas da ponte aérea, 286 mil passageiros por mês indicam que os rivais dependem um dos outros

A cada quarto de hora, cariocas, paulistanos e brasilienses rendem-se a uma realidade que torna impotente o folclórico litígio que os afeta e, a despeito do ranço, buscam um complemento na cidade rival. Aproximadamente 15 minutos. Esse é o tempo que separa a decolagem de cada avião que integra a ponte aérea Rio-São Paulo, canal de ligação que demonstra, na prática, o provincianismo de uma disputa que não pode evitar a simbiose de comunidades que são incompletas por si só. O fluxo de passageiros nesse vetor e o contingente que circula entre Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, mostra a verdadeira face desse relacionamento delicado: a interdependência das cidades.

A proximidade de metrópoles consideradas rivais, fato único em todo o mundo, torna o intercâmbio entre a produção paulistana e a cultura carioca ainda mais efetiva. Em nenhum outro lugar, cidades que reúnem em suas regiões metropolitanas mais de dez milhões de habitantes, cada uma, se distanciam por apenas 420 quilômetros. Uma está na zona de influência da outra e a balança penderá para quem se destacar mais nas respectivas áreas. Essa situação de eterna busca pelo melhor (ou mais adequado) leva a ponte aérea entre São Paulo e Rio de Janeiro a ter 66 vôos normais (turboélice), dez em aviões a jato e os extras que se fizerem necessários.

Esse vai-e-vem de aeroportos determina um fluxo de 152 mil passageiros entre Santos Dumont, Congonhas, Galeão e Cumbica, com aproveitamento de 74 por cento das poltronas. A cada 18 minutos, exatos, há um vôo ligando as duas capitais, que se unem apesar dos desencontros. Somente no mês de junho, duas mil 117 vezes um avião originário de São Paulo foi visto cortando os céus do Rio de Janeiro, e vice-versa. Não há congestionamento igual nem mesmo entre Nova Iorque e Los Angeles, cidades mais influentes de um país onde os habitantes passam boa parte de suas vidas a bordo de uma aeronave.

A ligação aérea entre essas cidades tem uma motivação nitidamente econômica, sendo maior na ponte os executivos que fazem do avião um transporte tão correio quanto um metrô que ligue a avenida Paulista, no centro nervoso de São Paulo, a avenida Rio Branco, no coração do Rio. Sem tirar os pés do chão, paulistanos e cariocas têm a opção de enfrentar uma neurótica Via Dutra e 420 quilômetros dentro de um "dinossauro" da Cometa, empresa que detém a hege-

monia da linha. Com a benção de São Cristóvão, pode-se embarcar em um ônibus a cada cinco minutos — um serviço mais eficiente que de rotas municipais.

De volta ao mar — Mais distantes desse cenário que aparenta ser um eterno decolar-atterrisar, Brasília apresenta números mais modestos, mas que igualmente demonstram haver uma necessidade de intercâmbio entre as três cidades. Somente na ponte aérea que une a capital do País ao Rio de Janeiro, transitaram 59 mil pessoas, consolidando um eixo que aproxima uma cidade que concentra o poder político e outra que necessita cada vez mais dele para se sustentar. No sentido inverso, Brasília leva ao Rio seus próprios "filhos" que aqui pousaram a trabalho, numa programação que notadamente não ultrapassa o espaço de 24 horas, e aqueles que partem em busca de um turismo que a natureza carioca ainda pode oferecer.

Mesmo demonstrando ser uma rota importante, a ligação entre São Paulo e Brasília não se faz através de um pool de empresas aéreas. Num trajeto onde a Vasp apresenta supremacia — transportou em seus aviões 56 mil pessoas, igualmente em junho — Transbrasil (12 mil passageiros) e Varig (7,5 mil) totalizam um fluxo aéreo de mais de 75 mil pessoas ao mês, perfazendo um total de 20 vôos diários. Os dados mostram a necessidade do poderio econômico, principalmente o industrial, manter um contato mais íntimo com o centro das decisões. Em outro aspecto, a capital é considerada uma cidade propícia à realização de congressos, seminários e convenções por estar a meio caminho de qualquer ponto do território nacional, o que estimula ainda mais esse fluxo.

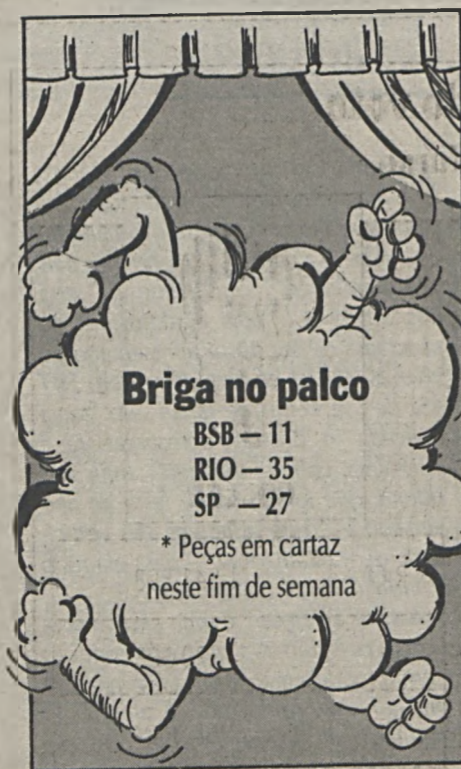


ARTE DOURADO

Tudo não passa de encenação

Nessa briga Brasília não entra. Fernanda Montenegro, Adélia Prado e Naum Alves de Souza estão em "Dona Doida", peça em cartaz neste fim de semana, no teatro Ruth Escobar, em São Paulo. Marília Pera, Ney Latorraca e Marco Nanini fazem o "Mistério de Irma Vap", no teatro João Caetano, no Rio. São exemplos da disputa entre as duas grandes cidades do teatro brasileiro. Não há noite de sexta ou sábado em que não se discuta aonde o ar é mais propício para o trabalho artístico, se na garoa ou no mar. Neste sábado e domingo, São Paulo ofereceu 27 peças a seu público, oito a menos que o Rio.

Na briga, os paulistas podem exibir "Orlando", peça baseada no texto de



Virginia Wolf, direção de Bia Lessa, que conta a epopéia de um personagem aturdido no caminho transitório de homem a mulher. O inesperado Gerald Thomas é carta forte para o Rio, criando e dirigindo Carmem com Filtro 2,5, no Teatro Nelson Rodrigues. Para quem gosta, quatro revistas estão sendo exibidas, entre elas "A noite dos leopardos" — onde um grupo de homens novos e bonitos faz uma exibição erótica atraindo, na maioria, homossexuais.

Em Brasília, o fim de semana oferece 11 peças, um número excepcional para a rotina cultural da cidade. "Miss Sara Sampson" é o destaque, obra do alemão G.E.Lessing, em adaptação moderna e direção de Frank Castorfe promoção do Instituto Goethe. Na sala Alberto Nepomuceno, "Macbeth mauser" faz um percurso um tanto quanto inédito no teatro candango. Em cartaz há algumas semanas, com direção de Fernando e Adriano Guimarães, mantém a sala cheia.

Caipiras, boêmios e solitários

A caricatura dos tipos resiste ao tempo.

Em Brasília, ainda há um perfil por nascer

Trinta anos de fundação não foram suficientes para delinear o perfil do brasiliense. O cantor e compositor Renato Matos tem a cara de Brasília, já cantou a solidão e os amores do Plano Piloto, mas atesta a inexistência de uma característica típica de quem mora e se identifica com a cidade. Um personagem de novela reclamou dia desses da "secura" do Distrito Federal, imaginou a pele ressequida e negou-se a vir para o Planalto. A falta de umidade, os troncos retorcidos na paisagem podem favorecer a idéia de que em Brasília a convivência é árida, o candango vive de mordomias e o poder contamina a todos.

Mil e duzentos quilômetros de asfalto separam esta aridez do mar que contorna o Rio. Distância suficiente para justificar a diferença entre esses dois mundos. A irreverência que habita o Rio de Janeiro é transposta ao "Pasquim", semanário carioca que viveu tempos de glória no início dos anos 70 que, numa das últimas edições, respondeu aos insistentes diagnósticos dando conta da crise carioca estampando na capa a manchete: "Todo paulista (que só pensa nos milhão, vota no Maluf e acha chique ser jeca) é babaca".

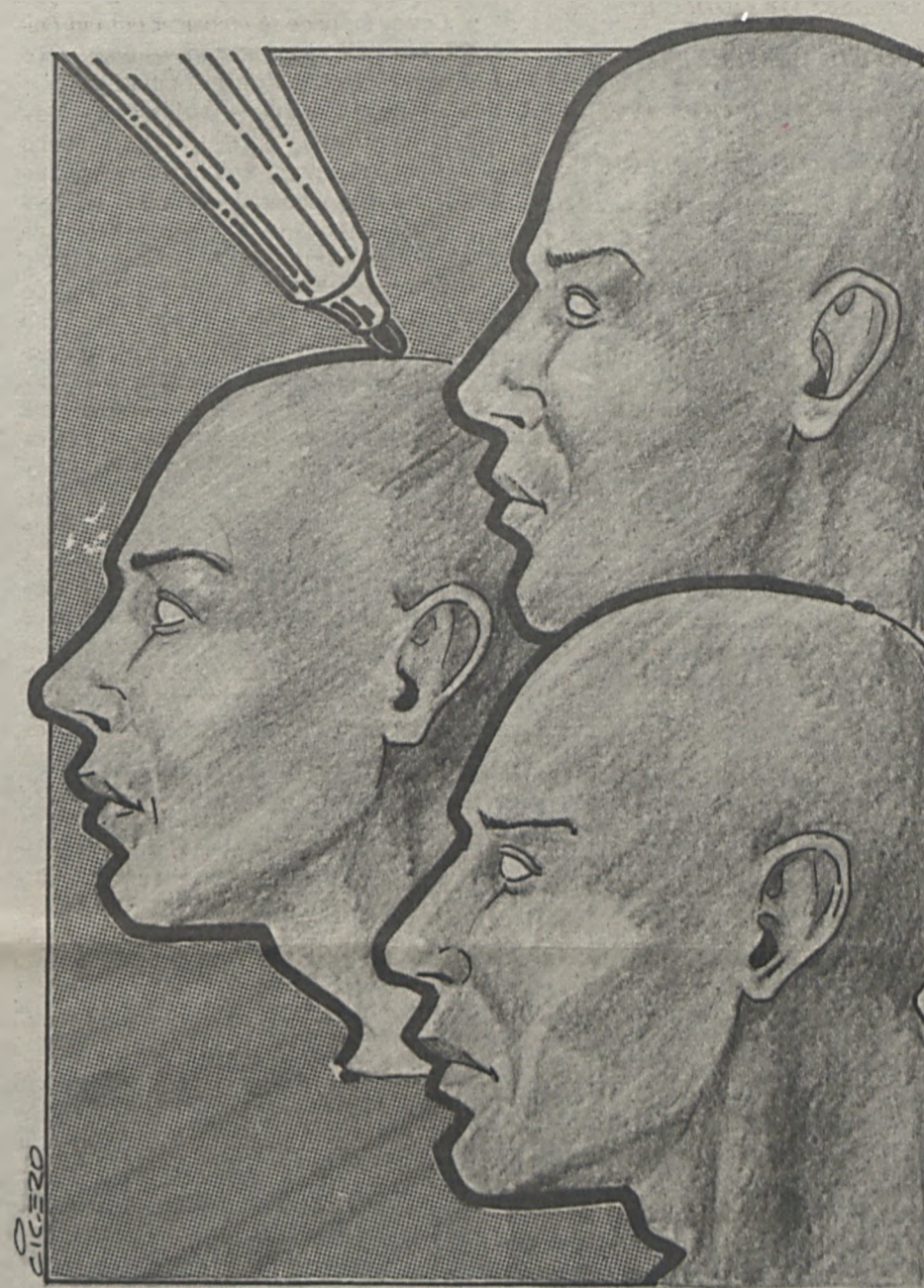
Generalizações à parte, este sentido subvertor em relação aos bons modos e ao convencional faz parte do imaginário da cidade. "O carioca consegue rir de si mesmo", define o sociólogo Herbert de

Souza, o Betinho, irmão do Henfil, um dos muitos mineiros ilustres que fizeram do Rio seu habitat.

Alma democrática — No curso dos anos, alguns mitos foram erguidos em torno da personalidade do carioca típico. A malandragem construída nas noites de boemia da Lapa de outrora em décadas remotas, porém, é hoje peça de museu. Boemia, samba e futebol, no entanto, são gostos e costumes incorporados ao comportamento de grande parte da população do Rio, que não se modificaram nem mesmo diante da crescente violência urbana, redução da qualidade de vida, empobrecimento da classe média e miséria. Castigada por realidade adversa, a cidade continua alegre, distraída e democrática. A Cinelândia, espécie de território livre, é uma expressão vigorosa da alma do carioca.

Sob o risco de ser caricatural, o perfil do carioca típico inclui frequência ao Maracanã, chopp gelado e samba. É carnavalesco desde criança, se veste com informalidade, detesta o convencional, é festeiro por excelência. Tem uma relação de amor com a cidade e traz a aura inconfundível de "bon vivant".

Não há contraponto mais perfeito que apresentar o perfil do paulista, bem assim, ao lado do de um carioca, como água e vinho, óleo e vinagre, açúcar e sal, preto e branco. O paulista conservador, vota na sua imagem e semelhança, fabrica dinheiro, abriga as maiores rendas per capita do País, ouve música caipira e leva as crianças ao aeroporto no lazer de domingo. Essa é a versão ao gosto do carioca mais que pode ser alterada com a porção paulista de gosto refinado, de agudeza artística, de noites cultuadas, bem mais próximo do cosmopolitismo que qualquer outro mortal brasileiro.



A cor do voto

2º Turno

	LULA	COLLOR
RIO	5.228.265	1.941.598
SP	6.739.378	9.270.503
DF	451.780	268.962

Desenhando o eleitor

O eleitor paulistano votou em Collor, o carioca e o candango, em Lula. Este é o indicador mais recente do comportamento político-eleitoral das três cidades. Só a cidade de São Paulo, com seus 5,5 milhões de votos, destinou 2,9 milhões para a vitória de Fernando Collor de Mello. Foi um peso que definiu os rumos da primeira eleição presidencial em 29 anos. O paulista colorido já no primeiro turno havia despejado quatro milhões de votos em Collor, 3,9 milhões em Maluf, ou seja, quase oito milhões de cédulas marcadas nos candidatos à direita dos que estavam na linha de frente da campanha. Em Mário Covas e Lula votaram 6,7 milhões de eleitores e em Brizola meros 252 mil.

O Rio de Janeiro, indistintamente,

brizolista, deu 5,2 milhões de votos a Lula no segundo turno, contra 1,9 milhão a Collor. O eleitor carioca poderia se vestir num estilo mais à esquerda, empunhando 63 por cento de seus votos marcados para o candidato dos setores mais progressistas. O carioca veste a roupa do engenheiro mas não fica muito à vontade de macacão metalúrgico. No primeiro turno isso foi demonstrado na contagem das urnas: Collor teve 285 mil votos a mais que Lula em todo o Estado do Rio.

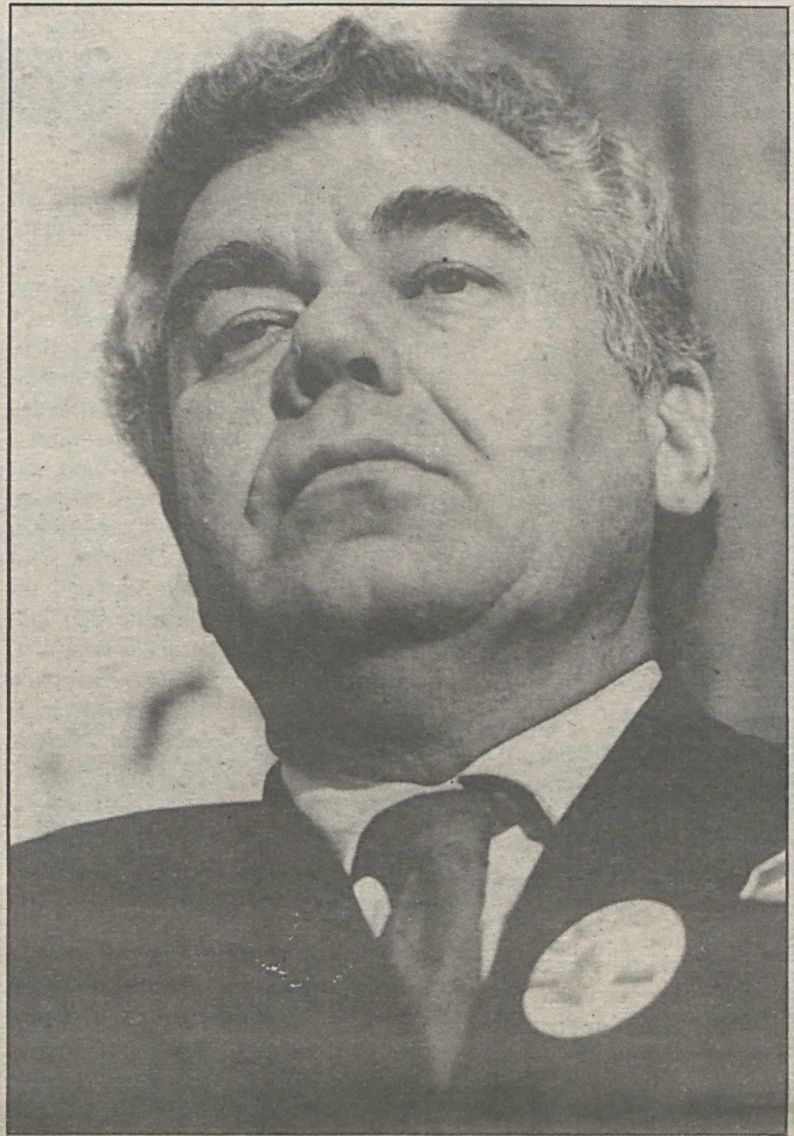
Encostado no Palácio do Planalto, Luiz Inácio Lula da Silva fez sucesso único. O Distrito Federal cravou maioria de votos para o deputado metalúrgico tanto no primeiro quanto no segundo turno. Brasília, que já tinha dado sinais evidentes de preferir a oposição de esquerda, nas eleições de 1986, repetiu a dose com 28 por cento dos votos no primeiro turno e 52 por cento no segundo para Lula.

“Essa disputa não é algo sadio”

Urbanista de renome, Jaime Lerner condena a rixa e diz que governo é maior culpado

■ “As situações negativas não vêm da condição dos municípios, mas do atual quadro do País”, afirma Jaime Lerner, 52 anos, prefeito de Curitiba (PR) pela terceira vez, para quem a luta aberta entre as cidades está fundamentada nos aspectos pejorativos. Urbanista e arquiteto, diz que essa disputa é sempre nociva, mesmo quando surge da necessidade de se ganhar espaço para desenvolver-se. Consultor das Nações Unidas para Assuntos de Urbanismo, Lerner acredita que, mesmo o Governo Federal sendo o maior responsável pelo caos urbano, os municípios têm condições de equacionar os seus problemas, mas é imprescindível seguir “a trilha e a memória de seus habitantes”. Uma das saídas apresentadas pelo “urbanólogo” para os próximos anos busca a integração da cidade ao meio ambiente, o que asseguraria uma melhor qualidade de vida a toda a população. Nessa entrevista ao **EXTRA**, o prefeito revela que, “antes do final do século”, Curitiba dará o primeiro passo transformando-se em capital ecológica do Brasil.

JULIO ALCANTARA



Lerner: nunca houve um lobby tão negativo quanto o atual

Luíza Taranto
Paraná

Por que as cidades disputam espaço?

A disputa surge da procura das cidades em atraírem grandes investimentos, como o turismo. Mas entendo que essa disputa não é algo sadio. Isso já aconteceu anteriormente, no processo de industrialização, quando os municípios procuravam atrair grandes indústrias. Houve uma espécie de marketing, até agressivo, mas esse lobby nunca se desenvolveu trabalhando em cima das condições negativas das cidades.

Por que não é sadio a disputa entre as cidades?

As situações negativas não vêm da condição dos municípios, mas da atual situação do País.

A atual situação sócio-econômica do Brasil contribui para a desestruturação das cidades?

Quando nós assumimos a prefeitura de Curitiba, em janeiro de 1989, sofremos um baque muito grande. O corte de investimentos por parte do Governo Federal na área social dos municípios é total. Desde o último ano do governo do ex-presidente José Sarney que esses investimentos, por parte do Governo Federal, não foram retomados. Isso não acontece em nenhum outro país do mundo. Os governos da Alemanha e Estados Unidos, por exemplo, continuam fazendo investimentos na área de transporte urbano, saneamento e habitação. Por isso, cada cidade, no Brasil, está buscando seu próprio caminho para gerar recursos, gerar negócios.

E tudo exige a participação do setor privado. Essa, inclusive, é a maneira como estamos administrando Curitiba.

A co-participação do setor privado é a única alternativa para não estancar o desenvolvimento das grandes cidades?

A discussão estatização/privatização é cansativa, que não leva a nada naquilo que diz respeito à cidade. Ela deve ser substituída. É a maneira como enxergo a co-responsabilidade entre as administrações municipais e o setor privado. Cada problema na cidade tem uma equação de co-responsabilidade. Transporte, saneamento e habitação.

Qual o futuro das grandes cidades e seus habitantes?

Sempre se procurou atemorizar o futuro das pessoas que habitam as grandes cidades, principalmente com as projeções. Exemplo: a cidade do México terá 30 milhões de habitantes até o final do século, São Paulo terá 25 milhões. O Rio de Janeiro terá 20 milhões. Ora, essa é uma tendência que a própria sociedade está corrigindo. Detectada essa tendência, o caminho deve ser a correção, o que deveria ser uma estratégia de cada país.

E qual seria a estratégia para o Brasil?

Eu vejo muitas. O País tem que definir qual o projeto de vida adequado para os grandes centros urbanos. E de que maneira vamos desenvolvê-los? Como vamos aproveitar os recursos naturais? De que maneira se vai distribuir a população no espaço geográfico? E qual a tecnologia que se vai colocar a serviço dessa população? Essa visão estratégica do País tem que acontecer agora e sempre. E não pensar que as grandes cidades vão morrer ou matar só por serem grandes. Paris, Londres e Nova Iorque são grandes e são viáveis.

O Brasil tem duas grandes cidades — Rio de Janeiro e São Paulo — bastante próximas. Apenas uma hora de voo as separa. Isso estimula a disputa?

São Paulo e Rio de Janeiro, não só pela proximidade entre as duas, terão que pensar, ou traçar projetos de desenvolvimento em conjunto. Não há como fugir de tal situação.

Qual o caminho para cidade do futuro?

A cidade vai atrás da trilha e da memória de seus habitantes. Temos que identificar o homem com a sua cidade, a sua trilha e a sua memória. Eu vejo um caminho. No futuro, a vida na cidade vai ser cada vez mais integrada ao meio ambiente. Esse é o exemplo que Curitiba está dando ao Brasil. Antes do final do século, ela será a capital ecológica do País. Temos de assegurar a melhor qualidade de vida à toda a população.

“São Paulo e Rio terão que traçar projetos conjuntos de desenvolvimento. Não há como fugir de tal situação.”